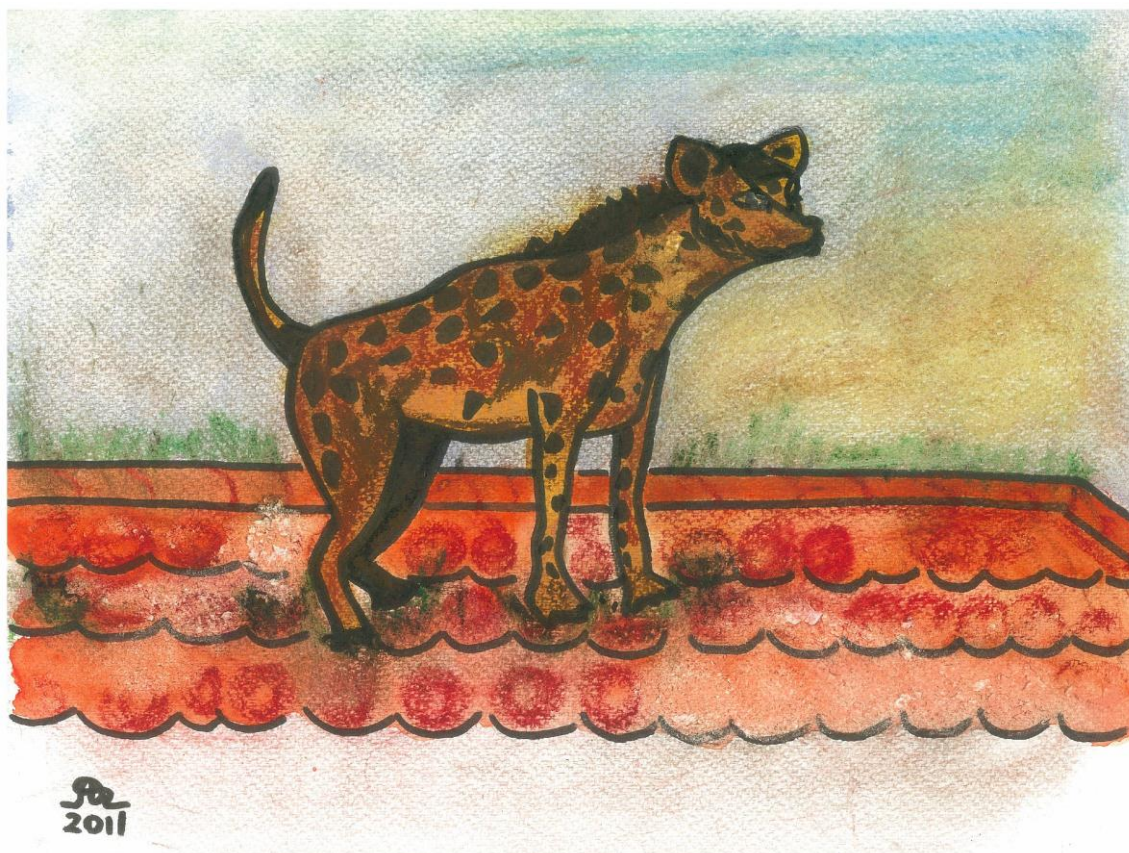


# LENGA-LENGA DE LENA, A HIENA

Ana Luísa Amaral

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

*Ilustração de Filomena Vasconcelos*



Havia uma hiena...

Chamava-se \* \* \* \*

*Chamava-se como?*

*Não percebo bem aquilo que dizes.*

Seria Beatriz?

*Eu acho que não.*

*Beatriz é nome de águia ou de perdiz,  
não nome de bicho que vive no chão.*

*Podes repetir,*

*dizer outra vez o nome da hiena?*

Havia uma hiena,

chamava-se \* \* \* \*

*Chamava-se como?*

*Não consigo ouvir.*

Achas que era Aurora?

*Eu acho que não,*

*Aurora é de fada, é nome de luz,  
não nome de bicho que é feio e é escuro.*

Não gostas de Aurora?

Eu tento outra vez.

Havia uma hiena,  
chamava-se Lena.

*De Lena já gosto!*

E era mesmo Lena  
o nome da hiena,  
que era escura, sim,  
e muito bonita.

Havia uma hiena,  
chamava-se Lena,  
tinha a pele morena, a pata pequena  
e um ar tresmalhado

(que o mesmo é dizer: desorientado),  
quando passeava em passo discreto  
sobre o meu telhado.

*Que coisa tão estranha  
um bicho que tem casa na savana  
viver num telhado.*

*Viver entre telhas e ervas pequenas  
que despontam breves  
à chuva e ao sol!*

Mas ela vivia sobre o meu telhado,  
e era costumado  
eu ouvir-lhe os passos  
e uma gargalhada  
que quase parecia que ou ela se ria,  
ou cantava o fado  
(canto mais usado para se chorar).

*Deve ser bonito ouvir uma hiena  
que se chama Lena  
a saber cantar.*

Era bem bonito.  
Mais bonito, às vezes,  
quando eu descansava, tomando café  
na minha varanda,  
e via-a em cima, de pata pequena,  
e a sua cabeça a aparecer em cena.

«Boa tarde, Lena!», dizia então eu,  
ou «Muito bom dia!»,

conforme era a luz.

Ela não falava,  
só me observava com olhos molhados,  
que me pareciam imensos e tristes.

Um dia de verão,  
veio para jantar um amigo meu.

Chamava-se Júlio,  
era um crocodilo,  
vinha de outra história,  
mas como a memória é feita de sonhos  
e coisas reais,  
o Júlio que à altura vivia num livro  
muito arrumadinho na sala do lado,  
sentiu o cheirinho do meu cozinhado:  
compota de figos  
que eu fazia então.

*Compota de figos  
eu nunca provei,  
Mas gosto de Júlio para crocodilo,  
Mostras-me esse livro  
onde o Júlio vive?*

Mostro-te depois.  
Queres ouvir agora  
o resto da história?

*É claro que sim!*

Vou continuar.  
Lembro-me do Júlio,  
do dia de verão, de sol e calor,  
em que ele, de pata muito bem alçada,  
bocarra mais larga  
que de imperador,  
saltou satisfeito do livro onde estava,  
e veio visitar-me.

Cheiravam-lhe bem  
os figos maduros,  
já quase compota na minha cozinha.

*E Lena, a hiena?*

*Onde estava ela?*

Seguindo atrás dele, apareceu a Lena,  
a pata morena,

a boca pequena e um ar desvairado.

Sentou-se a meu lado,  
com o Júlio ao pé.  
E logo os pés dela romperam velozes  
num sapateado mais de cabaret  
do que de telhado.

Como ela dançava  
e como cantava.

Mas o canto era  
diferente da dança  
que fazia crer que estava feliz.

O cantar da Lena mais se parecia  
a fado ou a pranto,  
coisa de chorar.

O Júlio sorria,  
boca escancarada,  
enquanto espreitava sobre o ombro dela  
para os frascos largos  
onde, muito doces, os figos luziam  
a cheiros e cores

de muitos sabores.

O olho do Júlio brilhava, verdinho,  
como uma esmeralda,  
e o dente branquinho lembrava um pirata,  
pelo cintilar.

E também o Júlio se pôs a cantar,  
e chamou a Aninhas,  
que era uma formiga  
que nós conhecíamos,  
o Júlio e eu.

E a Aninhas chegou  
até à cozinha  
e juntou-se à Lena,  
ao Júlio e a mim.

*Acho que conheço a formiga Aninhas.*

*É essa a formiga*

*que é mais conhecida*

*por 'formiga azul'?*

*Aquela que tem antenas pequenas*

*e muito bem feitas?*

*E patinhas frágeis,*



*leves e bonitas?*

Sim, é essa Aninhas,  
a que, na cozinha,  
passeando ao lado dos cubos de açúcar,  
ao ver o meu dedo a querer-lhe bater,  
dizia a cantar:

«Também a formiga  
tem direito à vida».

Tens toda a razão,  
é essa formiga!

*E a Lena, a hiena,  
porque era o seu canto  
diferente da dança?  
Falava de quê a canção da Lena?*

A Lena cantava uma canção triste  
com chorar de dentro cheio de nostalgia.  
É que eram saudades  
o que ela sentia  
da sua savana.

Porque comparar savana a telhado  
é quase um pecado,  
é mesmo um assunto  
de fazer chorar.

Que o telhado é raso  
e a savana, mesmo  
sendo também rasa,  
quase sem montanhas,  
é um lugar pleno, cheio de animais,  
e onde o sol-pôr  
se põe muito mais.

E era desses cheiros cheios de calor  
que as suas saudades cresciam em canto.  
Cantava, portanto,  
uma canção triste,  
falando da falta de tantos amigos:

O Leão Leonardo,  
o Luís Leopardo,  
o Puma Patrício,  
a Chita Bonita,  
a Zebra Riscada,  
a Garça Galante,

de asas como oiro  
e um ar interessante.

Disto ela cantava.  
Que mais queres saber?

*O que aconteceu?  
A Lena fugiu?  
Foi para a savana?  
Apanhou boleia de uma caravana,  
ou de alguma águia  
que passava ali sobre o teu telhado?  
Que foi feito dela?  
O que aconteceu a Lena, a Hiena?*

E se eu te disser  
vais acreditar?

*Prometo que sim!*

Então, vou contar.

No fim dessa tarde,  
já muito cheiinhos de figos e figos,  
e depois de o Júlio

ter voltado ao livro,  
e de a Aninhas ter voltado ao poema  
onde tinha o nome de 'formiga azul',  
passou por debaixo da minha varanda,  
vinda não sei de onde,  
mas de longe vinha,  
um grande animal.  
Sabes o que era?

*Era um hipopótamo?*

*Um rinoceronte?*

*Seria um chacal?*

Era uma girafa  
de pernas compridas e olhos tão macios  
que pareciam fios  
bordados de tule.

Parou ali mesmo.  
E ficou parada,  
de pescoço alçado na minha varanda.  
E como o pescoço era muito longo,  
passava a varanda,  
chegando ao telhado.

Ao fundo da rua,  
estava toda a gente meio embasbacada:  
onde já se vira no meio da cidade  
um tal animal?

Se fosse um cavalo,  
um cão, ou um gato...  
Mas uma girafa?  
Onde se viu tal?

*Mas falas verdade?*

*Era uma girafa?*

Era, sim senhor!  
Juro que é verdade!  
Era uma girafa  
no meio da cidade,  
parada por baixo da minha varanda.

*E não tinha nome?*

Eu chamei-lhe Armanda,  
mas não sei se o nome  
era mesmo o dela.  
Só sei que na altura em que ela parou,

a cabeça alçada chegando ao telhado,  
ouvi grandes risos  
vindos lá de cima,  
e um sapateado tão forte e tão belo  
que se via ser de grande alegria.

*Era Lena, a Hiena!*

É claro que era.  
Pois mal a girafa esticou o pescoço  
e a Lena a avistou,  
foi como o romper de uma onda enorme  
dentro do seu peito,  
capaz de partir telhas, chaminé,  
e virar até de pernas para o ar  
os vasos de flores,  
pôr as sardinheiras  
todas a dançar.

Cheirava a savana  
o riso da Lena,  
a zebras listradas,  
a leões ao sol,  
cheirava melhor que o doce de figos,  
cheirava a conversas

de grandes amigos,  
cheirava a ter casa  
e nela habitar.

*Que lindo, que lindo!*

*E tu, que fazias?*

Eu estava calada,  
sentada, quieta.  
Os outros lá dentro, muito sossegados,  
um dentro do livro,  
aquela nos versos.

Às tantas, a Lena  
deu um salto longo  
e foi pendurar-se no longo pescoço  
que a amiga estendia  
(pois era esta amiga que a vinha salvar).  
E lá foram elas pela rua fora,  
tão altas que viam  
as janelas todas no terceiro andar.

*Já percebi tudo.*

*A Lena partiu.*

*Não foi caravana a dar-lhe boleia,*

*mas uma girafa que veio da savana  
à sua procura,  
até a encontrar.*

Pois foi! Esta é a história  
de Lena, a Hiena.

*E já acabou?  
Não sabes mais dela?*

Ai não que não sei!  
Queres ver uma coisa  
que te vou mostrar?

*Quero! Quero, pois.*

Então, vem à sala.  
Olha, mesmo ali,  
ao lado do livro onde o Júlio vive,  
está esse postal,  
vê o endereço:

*Toca da Hiena,  
Carreiro do Sul,  
Savana Africana.*



*Código postal:*

*Estrelas e sol-pôr.*

É lá que ela mora.

Mandou-mo há um mês.

*E acabou-se a história?*

A história acabou,

Que mais para a história

se há de desejar?

A Lena escreveu,

está muito feliz,

diz nesse postal que chegaram bem.

Como elas chegaram,

isso eu já não sei,

devem ter cruzado muitos e mais mares...

Há só uma coisa

de que ela tem pena:

não ter na savana

figos cor de mel para cozinhar.

*Que pena! Que pena!*

Mas nós temos figos dourados e frescos.  
Vê lá se há açúcar  
e um pau de canela,  
pode ser que o Júlio e a formiga Aninhas  
se queiram juntar aqui na cozinha.

Olha: pôs-se o sol,  
e bastou falar  
em figos e mel  
que o livro da estante  
já se está a abrir,  
e aquele poema que fala da Aninhas  
a vê-la sair.

Aí vêm eles.  
Fala-lhes baixinho,  
olha o olho dele, tão grande e verdinho,  
e as patinhas dela como são bonitas,  
fala-lhes baixinho,  
para não os espantar.

*Podes entrar, Júlio.*

*Podes vir, Aninhas.*

Com passos de dança  
muito bem mexidos a patas e mãos  
com colheres de cor,  
está feito o desenho que vamos mandar  
a Lena, a Hiena.

*E ainda por cima,  
já temos jantar!*